

INFORMAÇÃO

23º Festival de Almada (4 a 18 Julho 2006)

OBSERVATÓRIO DAS ACTIVIDADES CULTURAIS *

A homenagem deste ano do Festival não vai para uma personalidade, mas para uma instituição.

No ano em que completa 10 anos de existência o Observatório das Actividades Culturais – um caso de investigação metódica na área da sociologia da cultura — foi a entidade escolhida para a modesta distinção que o Festival de Almada concede anualmente.

Com esta escolha o Festival pretende, por um lado, saudar o sério trabalho de pesquisa e análise, imprescindível para o estudo das Artes do Espectáculo e da sua recepção, desenvolvido pelo Observatório das Actividades Culturais, mas também chamar a atenção, num País que atribui pouca importância à investigação, para o papel essencial que o registo, a estatística, a recolha de dados e a sua interpretação desempenha no desenvolvimento da relação dos produtos culturais com o público.

Os estudos publicados pelo Observatório das Actividades Culturais – designadamente aquele dedicado aos públicos do Festival de Almada, em 2000 – constituem preciosos elementos para a reflexão dos artistas, dos produtores e dos gestores culturais no nosso País.

Criado em 1996 como uma associação sem fins lucrativos, pelo Ministério da Cultura, pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e pelo Instituto Nacional de Estatística, o Observatório das Actividades Culturais tem como presidente a Professora Doutora Maria de Lourdes Lima dos Santos e a comissão científica integra os Professores Doutores António Firmino da Costa, José Machado Pais e José Madureira Pinto. Os vogais do Conselho Directivo são os Drs. António Berbereia Moniz, António Martinho Novo, João Farrajota Leal, Leonor Pereira, e pelo Observatório das Actividades Culturais, Rui Telmo Gomes e José Soares Neves.

Nos quase 10 anos de existência do Observatório das Actividades Culturais foram concluídos 31 projectos de investigação, publicados 30 livros e 14 números da revista OBS. O Observatório das Actividades Culturais tem procurado intensificar as suas relações com organizações internacionais (intercâmbio com outros observatórios na Europa e América do Sul) e colabora regularmente no projecto “Cultural policies in Europe: A compendium of basic facts and trends”, que integra mais de 30 países europeus.

Sessão de homenagem: Escola D. António da Costa (Almada), 15 Julho às 22h45

* In Programa do 23º Festival de Almada, p. 6

EXPOSIÇÕES **

OBSERVATÓRIO DAS ACTIVIDADES CULTURAIS OAC - EXPOSIÇÃO DOCUMENTAL

EXPOSIÇÃO COMISSARIADA POR FERNANDO FILIPE

O Observatório das Actividades Culturais, criado em Setembro de 1996, celebra este ano dez anos de existência. Reconhecendo o importante papel desempenhado por esta instituição no decurso da última década, e de modo a chamar a atenção para a imprescindibilidade de uma actividade de pesquisa e estudo sobre os fenómenos artísticos, o Festival de Almada escolheu o OAC como alvo da habitual homenagem que todos os anos promove a figuras ou entidades de relevo no meio teatral. A exposição sobre o Observatório inclui informações e documentos que permitirão ao público um maior conhecimento da acção desenvolvida por esta associação.

O Observatório das Actividades Culturais é uma associação sem fins lucrativos e tem como fundadores o Ministério da Cultura, o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e o Instituto Nacional de Estatística. Tem como Presidente a Professora Doutora Maria de Lourdes Lima dos Santos, investigadora coordenadora do ICS – UL. A comissão integra os Professores Doutores António Firmino da Costa (ISCTE), José Machado Pais (ICS – UL) e José Madureira Pinto (FEUP).

Os vogais do Conselho Directivo são os Drs. António Berbereia Moniz (MC), António Martinho Novo (ICS –UL), João Farrajota Leal (INE), Leonor Pereira (INE) e, pelo Observatório, Rui Telmo Gomes e José Soares Neves.

ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA (ALMADA)

De 4 a 18 de Julho.

** In Programa do 23º Festival de Almada, p. 41

Intervenções na Sessão de homenagem, 15 de Julho de 2006

Da Presidente do Conselho Directivo do ICS-UL

Boa noite a todos.

É com muito prazer que aqui estou, hoje, participando nesta cerimónia.

Por isso, em primeiro lugar, quero agradecer aos organizadores do Festival de Almada – Joaquim Benite e Vítor Gonçalves, terem-me convidado a partilhar este momento de gostosa solenidade.

Não é para obedecer a um lugar-comum destes discursos ditos “de circunstância” que eu vos direi que ao prazer genuíno, se acrescenta a honra, legítima, de estar, hoje, aqui, representando este papel.

(... Para gente de teatro não é certamente uma analogia descabida...)

Para justificar a legitimidade da honra que sinto, devo, antes de mais, dirigir-me aos promotores e organizadores do Festival de Almada: à Câmara de Almada que eu saúdo na pessoa da sua Presidente, Maria Emília Neto de Sousa e à Companhia de Teatro de Almada nas pessoas de Joaquim Benite e Vítor Gonçalves.

O Festival de Almada, agora na sua 23ª edição, de há muito deixou de ser um “evento”... - como agora se diz, usando um termo de que não gosto muito ... e que me soa a banalização do acontecer - ... o FITA, dizia, há muito deixou de ser um “evento” qualquer!

Lembrando que o étimo latino “eventus” também significava *sucesso*, pode dizer-se, em bom português – sem incorrer em pleonasma perceptível na actualidade – pode dizer-se que o FITA é *um evento de sucesso!*

Mesmo não pertencendo, *mea culpa* e para meu mal, a nenhuma das 4 categorias de público que o *Inquérito aos públicos do FITA* ajudou a definir, no estudo feito em 1999 pelo OAC, não sendo: nem incondicional, nem adepta, nem flutuante, nem estreante, não sei se não se poderia construir uma 5ª categoria para me incluir: a de espectador ausente ... (de pouca ou nenhuma valia para o êxito da iniciativa ...) ausente, mas observante!

Mesmo sem fazer o seu historial e percorrer passo a passo a sua evolução, basta folhear e ler com alguma atenção o programa deste ano (2006), para nos darmos conta da riqueza e da diversidade, da intensidade e da amplitude das manifestações que enchem os escassos 15 dias que dura o Festival.

Das artes do palco – que é compreensivelmente o seu núcleo duro – se chega aos palcos de outras artes.

Mais: do fazer no palco se sai para além, se sai para comentar, para demonstrar e mostrar o que se faz e se pode fazer em palco!

É ver os chamados Actos complementares, Exposições, Colóquios e Debates!

Justamente nos temas dos Debates, se manifesta uma intenção que é, sem dúvida, também uma marca distintiva: não só a intenção de reflectir sobre a prática de criação e construção da arte teatral mas ainda a de reflectir e, reflectindo, ampliar as suas funções e implicações sociais e políticas.

Também no carácter internacional do Festival se pode ler, *não* o que vulgarmente se entende, quando se fala de internacionalização numa perspectiva, tantas vezes redutora, de instrumento para o reforço da famigerada “competitividade”, mas *sim*, num sentido humanista de abertura, de curiosidade e respeito pela diversidade, na mira de um lucro especial, sem exploradores nem explorados, o lucro que a todos advém das trocas culturais equilibradas.

Por fim, não posso deixar de sublinhar a “expansão territorial” que o FITA tem vindo a promover: por um lado, os seus “palcos” multiplicam-se, incluindo o seu, o propriamente seu, o do novo Teatro de Almada; por outro lado, o FITA, da margem sul vem vindo a navegar para a direita ... quero dizer, *para a margem direita*, para Lisboa, a sua histórica vizinha da frente!

Para usar uma flor de retórica já um pouco murcha, a este propósito gosto de pensar que o rio que nos separa é também o rio e as águas que nos unem!

E é esta expansão mais um sinal manifesto da sua vitalidade e do seu prestígio crescente.

Por tudo isto, que é muito, devem os organizadores do Festival sentir-se felizes e, por isso, os felicito.

Em tudo isto está também a primeiro razão de ser para a honra que é, para mim, estar hoje, aqui, convosco!

O que nos reúne, hoje, aqui, é uma homenagem.

Se é verdade que o homenageador ilustra e honra o homenageado, não é menos verdade que o homenageado também honra o seu homenageador!

E é de ambas estas honras, é desta troca simbólica de valores diferentes mas equivalentes que eu, sem mérito algum, sem nenhum investimento, retiro um lucro: a legitimidade da honra que me é dada, ao ser-me dada aqui a palavra.

Falar perante outros tem sempre implícita a pergunta, nem sempre formulada: - de que lugar se fala?

Dito de outro modo: qual o papel que desempenho neste acto?

Neste, como em todos os rituais de consagração, há-de haver uma função de apresentador, de padrinho dos consagrados. O meu papel aqui é, pois, o de ... madrinha! ... para respeitar as diferenças do género...

Quero, já de entrada, enfrentar e retirar todas as sombras de suspeição de parcialidade ou de benevolência interessada.

É certo que, a vários títulos, me sinto implicada na existência dos homenageados de hoje.

O Observatório das Actividades Culturais, resulta, como é sabido, de uma associação de 3 instituições: o Ministério da Cultura, o INE e o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Eu pertença ao ICS. A Maria de Lourdes, directora do OAC, pertence ao ICS. Irei eu ser juiz em causa própria? Mais: a Maria de Lourdes e eu somos amigas, amigas de uma amizade velha de quase “bodas de outro”!

Devo dizer que nem a comum pertença institucional, nem a velha amizade me constrangem!

Felizmente, quando as obras falam por si, não há que temer que as coisas boas a dizer, os balanços positivos sejam o fruto adulterado, adocicado da amizade lisonjeira, só por si.

Felizmente, serenamente, não tenho de omitir o que nos liga; não tenho (mesmo que pudesse... e quisesse...) de pôr entre parênteses a amizade.

Amigas somos, mas o meu olhar sobre o OAC colhe o que há de bom a colher, lucidamente, objectivamente.

A amizade só vem trazer, se me permitem e porque a isso não renuncio, um caloroso colorido ao que aí está para se ver.

Nestas condições, o público reconhecimento do valor, das virtudes, do mérito ultrapassa a consideração destes melindres, afasta as suspeições, encontra a sua medida nos limites da realidade.

O OAC vai, dentro em breve, fazer 10 anos.

Para além do que se pode ler no Programa do Festival, do que se pode ver na Exposição, uma visita ao site do OAC permite-nos verificar a enormidade, a riqueza do trabalho desenvolvido.

É verdadeiramente impressionante! Avaliado por parâmetros usuais, económicos, de rendimento dos recursos humanos e financeiros investidos, pode dizer-se, com alguma ironia, mas sem falsear os dados reais, que a produtividade do Observatório deve ser das mais altas do panorama nacional! Mas, mais que a quantidade, importa olhar a diversidade dos domínios e dos níveis de observação: a multiplicidade e a relevância – cultural, política, científica – dos temas de estudo; a importância dos resultados obtidos, sempre a tempo e horas, para a progressiva compreensão do terreno das práticas culturais, dos diferentes protagonistas que nelas intervêm; importância, também, para o continuado alargamento do conhecimento sobre os sistemas de relações complexas que entre os protagonistas se estabelecem e que determinam as suas acções e a transformação das suas práticas. Subjacentes a toda esta riqueza de conteúdos e de produtos estão os alicerces sólidos, nem sempre apercebíveis pelo profano, de uma metodologia científica rigorosa e consistente, apoiada em quadros teóricos claros e testados, uma forma de trabalho sério, reiterada e, porque reiterada, promissora de novas aplicações, de novos desenvolvimentos, de sempre possíveis correcções e aberturas.

É um processo colectivo de investigação que não se encerra em torres de marfim, que não tem medo dos seus objectos.

Ao contrário das ciências ditas naturais, as ciências sociais têm por fulcro objectos que falam, que pensam, que resistem à sua objectivação.

São objectos temíveis que, enquanto sujeitos das acções, se vivem a si próprios como seres únicos e livres, que dificilmente aceitam o desvendamento das condições sociais que, sem o saber, os constroem e, à má fila os catalogam (palavra pesada, que não se deve usar...) que os categorizam, os tipificam!

Em suma, e para usar a fórmula de um clássico da Sociologia, são as análises que desencantam, isto é, que sempre contribuem para quebrar o encantamento da inocência reconfortante do seu ser social ignorado e das relações sociais que, de forma aberta, mas inevitável, o determinam.

É por estas e outras... que o ofício do sociólogo exige “pinças”, cuidados especiais na construção dos seus objectos e no desenrolar do seu trabalho.

Porque, se é verdade que se trabalha para além das pessoas, que se tem de visar *o que está nelas*, mas também *o que está fora delas*, é certo que há sempre pessoas no horizonte e na proximidade.

E esta é uma das mais difíceis artes do ofício e não sei se de forma especialmente difícil, quando se trata de analisar o ofício das artes.

A escolha deste ano do Festival de Almada para a sua habitual homenagem parece-me revelar uma realidade muito gratificante, quando considerada nos seus dois pólos:

- *Primeiro*, da parte dos organizadores do Festival, dos homenageadores, a escolha manifesta uma sensibilidade e uma consciência notórias sobre a importância, para o seu próprio universo, do desenvolvimento do trabalho de pesquisa que toma como objecto esse mesmo universo, nas suas variadas e complexas dimensões,

- *Segundo*, no que ao homenageado se refere, eu creio que a escolha significa o reconhecimento implícito de que a condução do trabalho científico foi capaz, sem abdicar da autonomia e do distanciamento que lhe são necessários, ... foi capaz de saltar as barreiras que tendem a separar o observador do observado, e que a comunicação se estabeleceu e foi feliz!

A homenagem foi para o OAC e para todos os que nele e para ele trabalham.

Mas, neste ponto, não posso deixar de fazer uma referência especial à sua directora, a minha amiga Maria de Lourdes.

O Observatório das Actividades Culturais que ela dirige desde o seu início é, como disse antes, o produto institucional do que considero ser uma oportuna, feliz e muito profícua associação das 3 entidades que nele – Observatório – e nela – Maria de Lourdes – decidiram, em boa hora, apostar.

Os 10 anos de existência do OAC são a demonstração completa de que a aposta era boa!

Na Bíblia diz-se que a árvore se conhece pelos seus frutos. O OAC não tem parado de dar os seus muitos e bons frutos! Por isso todos nós temos de estar de parabéns.

A Maria de Lourdes é a animadora de toda esta frutuosa actividade. Ela é, sem pleonasmo, *a sua Alma!*

“Alma até Almeida”! “Alma até ... Almada”!

Alma até Almeida – pela resistência às dificuldades, pela pertinácia no fazer bem, correcto... e aumentado!

Alma até Almada – pelo que de aqui lhe vem de prazerosa e amiga gratificação do seu trabalho!

Ela é a Alma animadora do OAC!

Sem dúvida que nenhuma instituição vive de uma só pessoa e de uma só cabeça.

Mas uma virtude necessária, e evidente neste caso, de quem dirige é a de saber escolher os bons colaboradores e manter viva a chama, o estímulo para que cada um se disponha com vontade a dar sempre o seu melhor.

Do que sei do OAC é este o modo, o “clima” que tem envolvido a sua acção; é esta a marca da sua existência.

Bem hajas, Maria de Lourdes e todos os que têm tido o privilégio de contigo trabalhar.

A Maria de Lourdes, a doutora Maria de Lourdes, já fez há muito tempo as suas provas de doutoramento, de acordo com as regras e os rituais do mundo académico.

Hoje, ela tem aqui o seu doutoramento *honoris causa*, conferido por outras mãos, por outra espécie de autoridade, a autoridade dos que, vivendo as suas vidas noutra universo, regidos por outras regras, foram capazes de reconhecer no seu trabalho, a competência, a utilidade, o mérito; e na sua pessoa, a excelência da sua qualidade humana.

Acabo, felicitando, mais uma vez, os homenageados e os homenageadores, e com todos eles e com todos vós me congratulo!

Obrigada.

Maria Eduarda Cruzeiro

Da Presidente do OAC

Saudações a todos.

Tal como já disse no dia da apresentação do Festival de Almada, fiquei muito surpreendida e muito sensibilizada pelo facto de a Direcção do Festival ter decidido, este ano, homenagear o Observatório das Actividades Culturais (OAC), um organismo que não se situa no domínio do Teatro nem em qualquer outro domínio artístico mas sim no campo da investigação. É verdade que o Joaquim Benite se tem empenhado em afirmar que o teatro não pode, não deve, ser alheio à investigação e é verdade que, pelo seu lado, o Observatório, nas pesquisas que tem feito, também não se tem alheado do teatro. E temos ainda um elo de ligação mais concreto – uma experiência de trabalho conjunto quando, há alguns anos, o OAC realizou o projecto sobre os públicos do Festival, experiência essa que foi muito estimulante.

Do coração vos agradeço esta homenagem, em meu nome e em nome de toda a equipa do OAC. Quero também agradecer as calorosas palavras de apreço da Doutora Maria Eduarda Cruzeiro, amiga e colega de há longa data.

E que posso eu agora acrescentar sobre o OAC?

Para começar, queria lembrar que este Observatório é um pequeno conjunto de pessoas, não muitas mas muito empenhadas. Não vou desfiar nomes (podem vê-los no nosso site). São os investigadores; os representantes dos sócios fundadores (ICS-UL, INE e MC); os elementos dos corpos sociais (CC, CD e CF); os técnicos e administrativos. Todos somados não chegamos a 20. E vale a pena ter presente que, entre os meus colaboradores, apenas 6 são investigadores. Se considerarmos que, durante os quase 10 anos do OAC, se realizaram 31 projectos e se publicaram 40 livros e vários artigos nos 14 números da nossa revista OBS, permitir-me-ão a imodéstia de dizer que se tem trabalhado realmente bastante.

Gostava também de vos dizer uma ou duas palavras sobre o aparecimento do OAC. Nos estatutos da sua criação, em 1996, declarava-se que este Observatório, uma associação sem fins lucrativos, tinha como objectivo central realizar projectos de investigação no domínio da cultura. E isto era então de assinalar – claro que continua hoje a ser um objectivo necessário mas, naquela data, a investigação no referido domínio era ainda muito mais reduzida. O surgimento do OAC, recordei, inseriu-se num quadro de iniciativas com que arrancou o novo Ministério da Cultura do XIII Governo. Não surgiu por mero acaso mas numa conjuntura propícia à sensibilização para o aproximar de 2 campos: o das ciências sociais e o das políticas culturais. E permitam-me um brevíssimo historial para recordar que, no dito campo das ciências sociais, a Sociologia da Cultura tinha aparecido pela 1ª vez, em Portugal, como uma cadeira da licenciatura em Sociologia no ISCTE, em 1983 (um parêntese para vos contar que gostei imenso de organizar esta cadeira e de a ir reorganizando com os alunos – as questões abordadas eram, entre nós, grande novidade, como novidade eram também os autores da literatura sociológica francesa e anglo-saxónica que se iam

explorando e que iam entrando nas prateleiras das bibliotecas do ISCTE e do ICS-UL, meus lugares de trabalho, respectivamente enquanto docente e enquanto investigadora). Depois, a partir de 1993/94 abrimos o Mestrado de Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação do ISCTE e, pela mesma altura, no Mestrado de Ciências Sociais do ICS, introduzi uma cadeira de “Cultura e Mudança Social”.

Em grande parte os investigadores do OAC iriam ser recrutados entre os meus ex-alunos desses mestrados. Não vou desenvolver este historial – foi tão só um flashback para vos evocar o que se passava então no campo (em formação) da Sociologia da Cultura e da Arte que iria funcionar como background teórico-metodológico para a actividade de pesquisa do OAC.

Talvez devesse também falar-vos um pouco dos problemas que ao longo da sua existência um organismo como o OAC tem de defrontar. Mas convém não abusar da vossa paciência. Para mais, estou hoje aqui em boa companhia, bem disposta, a ser mimada... Deixarei de lado todos aqueles problemas relativos à escassez de recursos, à precaridade com que uma associação sem fins lucrativos se defronta. Muitos de vós sabem bem como é. Mas, já agora, poderei aludir a outro tipo de questões no plano da relação entre a esfera política e a investigação. A alguns logo ocorrerá a questão do desafio de manter a autonomia desta esfera em relação àquela. Ainda me lembro que, quando anunciei a criação do OAC, alguns colegas do ICS me advertiram, meio a sério meio a brincar, para os riscos, as dificuldades, de preservar a independência da pesquisa ao passar a produzi-la directamente para o Ministério. Devo confessar que a questão me pareceu inadequada (se pressões houvesse, eu sairia do OAC e retomaria o meu trabalho universitário – era simples e nem era necessário nenhum heroísmo). A verdade é que, faça-se justiça, os sucessivos ministros da cultura (e já são 6 desde a criação do Observatório) jamais fizeram qualquer pressão do género. Curiosamente, não é disso que, no OAC, temos de nos queixar mas antes do facto de, embora dando mostras de grande consideração pelo nosso trabalho, utilizarem os seus resultados muito menos do que desejaríamos.

Há ainda um outro aspecto interessante nas relações entre o plano científico e o plano politico-administrativo que é o do intercâmbio entre os diferentes olhares / diferentes saberes / diferentes perspectivas, nomeadamente entre as equipas do OAC e dos organismos do MC com que temos trabalhado. E isso passa por uma aprendizagem recíproca muitas vezes difícil mas que também pode ser fecunda para ambas as partes (só a título de exemplo, os casos felizes da colaboração com a equipa do IPM - Rede Portuguesa de Museus ou com a do Departamento de Descentralização e Difusão do ex-IPAE).

Numa cerimónia como esta não vem ao caso estar a fazer uma longa resenha sobre os nossos projectos. Quem não conhecia o OAC terá ficado com uma ideia depois de ver, aqui ao lado, a Exposição documental apresentada pelo Festival e organizada com tanto cuidado e gosto. Farei apenas um enunciado sucinto de algumas linhas de orientação por que se podem distribuir os estudos que temos desenvolvido: 1. orientação para trabalhos que visam a modernização e o desenvolvimento das estatísticas da cultura em Portugal (tentativas de intermediação do OAC

entre o MC e o INE – por exemplo através de inquéritos e construção de bases de dados como no caso dos Museus, dos Arquivos, etc.); 2. orientação para pesquisas comparadas, de âmbito internacional (por exemplo os projectos *Culture Gates* e *Culture Biz* sobre condições de trabalho e perfis de trajetórias profissionais no sector cultural e artístico – música, produção cinematográfica, edição de livros); 3. orientação para a realização de diagnósticos e avaliações no campo das políticas culturais (o OAC foi o pioneiro em Portugal com *As Políticas Culturais em Portugal* – o 1º projecto do OAC; de referir também a avaliação sobre o Programa Difusão das Artes do Espectáculo do ex-IPAE e, recentemente, o estudo *Cultura, Identidades e Património* para preparação do próximo ciclo de intervenção estrutural do QREN 2007/2013); 4. orientação para estudos de públicos (também aqui, uma vez mais, foi o OAC que começou a explorar esta área, inaugurada precisamente com o trabalho sobre os *Públicos do Festival de Almada*, seguido dos *Públicos do TNSJ* e dos *Públicos do Porto 2001*); 5. orientação para o tema da descentralização cultural, com trabalhos a nível local (por exemplo o *Programa Cascais-Cultura*, abordando a oferta e procura cultural no concelho e as orientações das políticas culturais da autarquia, estudo editado em 7 livros). Mas não vou mesmo prolongar mais este enunciado.

E, finalmente, fecharia esta minha intervenção com algumas palavras sobre o próprio Festival de Almada. O estudo do OAC, que atrás referi, foi feito já lá vão 6 anos (seria interessante poder vir a fazer uma actualização. Talvez um dia...).

Tínhamos então identificado quatro tipos de públicos – dois concorriam para a consolidação das audiências do Festival (os incondicionais e os adeptos) e os outros dois para a renovação dessas audiências (os estreantes e os flutuantes). E tínhamos destacado algumas vertentes do evento relacionadas com os seus públicos: 1. o contexto de convivialidade; 2. a diversificação dos públicos; 3. a participação associativa e a prática de teatro e 4. a formação de públicos. É fácil presumir que algumas destas vertentes terão vindo a intensificar-se, caso da diversificação e alargamento dos públicos para que concorrerão o crescente prestígio do Festival e a crescente desconcentração dos espaços em que se desenvolve. Penso que a Direcção do Festival gostará de saber que utilizámos, nos nossos posteriores estudos de públicos, metodologias e indicadores afins dos que tínhamos ‘estreado’ no caso do Festival.

A título ilustrativo avanço rapidamente alguns aspectos, uns que apontam para as especificidades dos públicos do Festival (na edição que analisámos, claro) e outros que são comuns aos públicos da cultura e do teatro, em geral.

Por exemplo, um traço comum dominante resulta do efeito conjugado da juvenilidade e dos elevados níveis de escolaridade a que se junta o predomínio do sexo feminino (mas só até aos 24 anos de idade). Para os públicos do Festival, no entanto, esta selectividade aparecia mais atenuada do que para os outros públicos que estudámos.

Para além disso, há outros indicadores que diferenciam os públicos do Festival: por exemplo, metade dos inquiridos apareciam como frequentadores regulares de teatro e mais de um terço fazia teatro (quais serão hoje as percentagens?). Estes resultados remetiam para a identificação de uma

vivência local alimentada por dinâmicas entre agentes como as associações locais, as escolas, a autarquia e os artistas e produtores culturais. É neste quadro de relações, em que as entidades artísticas não ficam isoladas, que se pode verdadeiramente falar de alargamento da participação na vida cultural (que é mais do que falar de formação de públicos). Permitam-me, portanto, que felicite Almada e o seu Festival pelo trabalho que vêm desenvolvendo nesse sentido. Bem mereciam que também vos fizessem uma homenagem. Parabéns. Obrigada.

Maria de Lourdes Lima Santos



Sessão de Homenagem

Foto: Sandra Ramos



Exposição documental
Foto: Sandra Ramos